

VÁRIA

A Lapa do Bugio (Necrópole pré-histórica da Azóia)

A Lapa do Bugio é uma pequena gruta natural com 9 m de comprimento por 5,5 m de largura máxima, situada na freguesia de Azóia, do concelho de Sesimbra, entre a vila do mesmo nome e o Cabo Espichel. Fica sobranceira ao mar, quase no alto da falésia calcária, com um desnível dos seus 150 m.

Foi descoberta em 1957 pelo Sr. RAFAEL MONTEIRO, arqueólogo por vocação. Desde então extraiu dela um valioso espólio, constituído por muitos ossos humanos e alguns de animais, várias placas-ídolos, ídolos cilíndricos, contas, cerâmica, instrumentos de pedra, etc., conforme nos diz num trabalho ⁽¹⁾ que publicou em 1959 de colaboração com o Sr. Dr. EDUARDO DA CUNHA SERRÃO.

Quase todo este material tem sido estudado, excepto os ossos, que se encontram, na sua grande maioria, no Museu Municipal do Castelo de Sesimbra e uma pequena parte no Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa», da Faculdade de Ciências do Porto, cujo estudo já iniciei e espero prosseguir e ultimar.

Parece tratar-se duma gruta neo-eneolítica, dada a natureza dos achados e a ausência de metal.

Em meados de Outubro de 1962, com a dedicada colaboração e boa vontade do Sr. RAFAEL MONTEIRO e ainda devido à gentileza do Ex.^{mo} Sr. MÁRIO AUGUSTO TORRES ÁGUAS, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Sesimbra, pudemos fazer uma escavação sumária na referida gruta.

A gruta está aberta na rocha calcária e apresenta esboçadas algumas estalagmites e estalactites. A boca da entrada é pequena,

(1) RAFAEL MONTEIRO e EDUARDO DA CUNHA SERRÃO, *Estação Isabel, Necrópole pré-histórica da Azoia*, Separata do 1 vol. das «Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia», Lisboa, 1959, páginas 407 a 429, 4 figs. e 3 estampas.

voltada a sul, está fechada por uma grade de ferro, mandada ali colocar pela Câmara Municipal, para evitar que a gruta sofra o vandalismo dos curiosos e dos pesquisadores de tesouros, de que já foi vítima.

A entrada na gruta faz-se com certa dificuldade. Tem que se entrar às arrecuas.

Iniciámos a escavação na zona que fica do lado poente e um pouco adiante da entrada. Preparávamo-nos para, de acordo com os preceitos científicos, escavar por planos e por medidas. Em breve, porém notámos que toda a terra já tinha sofrido vários remeximentos. Uns mais recentes, demonstrados por uma pequena pá e uma pequena vassoura que ali encontrámos, e outros seguramente mais antigos, pois os elementos que constituíam o espólio apresentavam superfícies de fracturas antigas.

É abundante o material osteológico. Infelizmente são poucos os ossos íntegros. Uma ou outra clavícula, algumas vértebras e alguns ossos do pé e da mão. Ossos longos não recolhi nenhum inteiro; porções maiores ou menores, mas por via de regra, pequenas. Uns ossos apresentam superfícies de fractura de bordos ou arestas vivas, noutros os topos das fracturas estão como que apodrecidos e são duma grande friabilidade. Encontramos várias placas-ídolos, umas intactas, outras já fragmentadas, ídolos cilíndricos, facas de sílex, pontas de seta, várias contas e muita cerâmica.

Uma escavação intempestiva feita por alunos duma escola secundária de Lisboa, os que certamente ali deixaram a pá e a vassoura a que já me referi, pode classificar-se com toda a propriedade de escavacção.

Havia, pois, que remover e crivar a terra desordenadamente remexida e amontoada na parte média da gruta, local que, em parte, havia sido já escavado pelo Sr. RAFAEL MONTEIRO (Ver fig. 2 do trabalho citado), segundo zonas bem marcadas e por estratos.

Dessa forma se procuraria encontrar a assentada primitiva isenta de remeximentos.

Ao remover essa terra deparámos com dois núcleos de ossos humanos que nos poderiam fazer pensar em duas tumulações, se não fosse o estado de desordem e de fractura em que se encontravam os ossos, bem como a cerâmica e até as placas-ídolos.

Toda a gruta sofreu vários remeximentos, excepto talvez a parte que se encontra no recanto do lado oeste, local onde parece existir a primitiva entrada da gruta.

Importa fazer uma exploração cuidada da gruta e estudar no seu conjunto todo o ossuário humano e animal ali encontrado,

para se poder avaliar o número aproximado de esqueletos humanos que ali foram depositados, suas idades, cronologia, suas particularidades, etc..

Em dois dias de trabalho, auxiliado pela colaboração dedicada e entusiástica do Sr. RAFAEL MONTEIRO e de dois auxiliares jornaleiros, só uma pequena parte da terra remexida, foi removida para o exterior e ali crivada. Há que escavar cautelosamente, sem pressas, com todo o cuidado, mesmo quando, como no caso presente, houve remeximentos anteriores.

Importa prosseguir e ultimar esta tarefa de limpeza, que levará alguns dias. Depois, encontrada a jazida primitiva e, talvez não revolvida, ao menos em remeximentos recentes, a escavação poderá fazer-se segundo a boa técnica. Espero poder fazê-lo na primeira oportunidade.

AGOSTINHO ISIDORO

Assistente Extraordinário da Faculdade de Ciências do Porto e Naturalista do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»

Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo)

Novos elementos

Mercê de explorações arqueológicas efectuadas no verão de 1962, pudemos colher novos elementos na Anta da Herdade da Coutada de Barros e na da Herdade da Crucieira, ambas pertencentes à freguesia e concelho do Crato. Tivemos ainda conhecimento da existência doutra anta na Herdade do Matinho, na Folha do Russo, na mesma freguesia, que esperamos visitar em ocasião oportuna.

Anta da Herdade da Coutada de Barros

No nosso trabalho *Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo)* (1), a páginas 7 e 8, fizemos a transcrição duma

(1) AGOSTINHO ISIDORO, *Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo)*, in «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», Porto, 1962, 27 págs., 2 figuras e XII estampas com mais 29 figuras.